



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS ZÉ DOCA
CURSO DE LETRAS - LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA

RICARDO LIMA DA SILVA

A HORA DE MACABÉA: a imagem da decadência e os conflitos da personagem de ficção

Zé Doca
2024

RICARDO LIMA DA SILVA

A HORA DE MACABÉA: a imagem da decadência e os conflitos da personagem de ficção

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Elijames Moraes dos Santos Muniz

Zé Doca

2024

RICARDO LIMA DA SILVA

A HORA DE MACABÉA: a imagem da decadência e os conflitos da personagem de ficção

Monografia apresentada junto ao Curso de Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovada em: 26 / 08 / 2024

Nota: 10

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ELIJAMES MORAES DOS SANTOS MUNIZ**
Data: 06/09/2024 17:23:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dra. Elijames Moraes dos Santos Muniz (Orientadora)

Doutora em Letras
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **LUCÉLIA DE SOUSA ALMEIDA**
Data: 06/09/2024 15:23:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dra. Lucélia de Sousa Almeida

Doutora em Letras
Universidade Federal do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **LARISSA EMANUELE DA SILVA RODRIGUES DE O**
Data: 06/09/2024 14:57:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Ma. Larissa Emanuele da Silva Rodrigues de Oliveira

Mestra em Letras
Universidade Estadual do Maranhão

Silva, Ricardo Lima da

A hora de macabéa: a imagem da decadência e os conflitos da personagem de ficção / Ricardo Lima da Silva. – Zé Doca, MA, 2024.

36 f

TCC (Graduação em Letras Licenciatura) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Zé Doca, 2024.

Orientador: Profa. Dra. Elijames Moraes dos Santos Muniz.

1.A Hora da Estrela. 2.A personagem de ficção. 3.Macabéa. I.Título.

CDU: 82.09

Aos meus pais, que deram a mim as
oportunidades que eles não tiveram.

AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha mais sincera gratidão a todos que de algum modo contribuíram para que este estudo fosse realizado. No entanto, vou além. Quero agradecer a todos que contribuíram para que eu chegasse onde estou. Afinal, este estudo representa não só a etapa final de um curso, ele também representa a materialização do sonho de um menino.

Agradeço a Deus por ter sido meu consolo nas horas difíceis. Agradeço à minha mãe Maria que sempre acreditou que eu conseguiria chegar aqui. Ao meu pai Rosildo que, com todos os motivos para desacreditar na educação, sempre mostrou para mim e meus irmãos o valor que ela tem. Aos meus irmãos, Maurício, Betânia e Brunielly por me apoiarem. À minha irmã Bruna que sempre me ouviu e entendeu, eu não seria nada sem você. Aos meus sobrinhos que são como filhos para mim.

Agradeço também à minha orientadora Prof^a. Dra. Elijames Moraes dos Santos Muniz não apenas por me guiar em meus estudos, mas também por acreditar no meu potencial e por todas as oportunidades que me ofereceu.

Aos meus amigos, em especial ao Jeromar, que foram minhas companhias no início dessa jornada chamada vida adulta.

A todos os meus professores da graduação e aos meus professores da educação básica. Agradeço à Universidade Estadual do Maranhão que possibilitou a mim e a milhares de maranhenses a chance de acessar o nível superior de ensino. Estendo meus agradecimentos também a todos os funcionários da UEMA - Campus Zé Doca que desempenharam seus trabalhos com tanto zelo e amor.

Por fim, gostaria de agradecer a mim mesmo por ter sido tão forte e ter enfrentado todos os obstáculos e desafios que encontrei nesses quase seis anos.

*“A feiura é o meu estandarte de guerra. Eu amo o feio com um amor de igual para igual.”
(Clarice Lispector)*

RESUMO

A Hora da Estrela retrata a trajetória de Macabéa, uma sertaneja órfã, que migrou para o Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor. A personagem é um retrato de grupos sociais marginalizados e excluídos devido à sua condição socioeconômica. O presente estudo tem como objetivo geral analisar os desdobramentos da personagem Macabéa no percurso narrativo de *A Hora da Estrela*, as relações sociais que são estabelecidas bem como a conjuntura em que está inserida; como objetivos específicos buscou-se refletir sobre a interação entre literatura e sociedade em *A Hora da Estrela*; investigar os conflitos e descaminhos da personagem de ficção no corpus da pesquisa; averiguar como as relações interpessoais entre Macabéa e os personagens Olímpico e Rodrigo S. M. revelam questões sociais. Ao debruçar-se sobre o aspecto social que a protagonista desvela, abre-se um caminho para compreensão e análise do retrato da desigualdade social presentes na obra. Assim, a presente pesquisa justifica-se levando em consideração que, através desta narrativa de ficção, podemos explorar e discutir questões como pobreza e exclusão social, temas recorrentes na Literatura Brasileira. Para embasar os argumentos defendidos recorreremos aos estudos de Candido (1980), que apresenta reflexões a respeito das relações entre a literatura e a sociedade, bem como o seu estudo sobre a personagem de ficção Candido (2009); no que diz respeito à escrita de Clarice Lispector foram consideradas as pesquisas de Nunes (1989), Bosi (2006) e Candido (1977 e 1989). Também foram consultados Weintraub (2017), que trata da obra *A Hora da Estrela* e Gotlib (2017), que possui uma pesquisa consolidada a respeito do *corpus* desta monografia. Ao final deste trabalho, chegou-se ao entendimento que através de sua obra, Clarice Lispector estabelece paralelos entre ficção e realidade, ao representar migrantes e sertanejos por meio de sua protagonista, trazendo à tona a importante discussão a respeito do papel da personagem de ficção, tal como é explorado por Candido (2009). Logo, Macabéa representa as milhares de pessoas que vivem à margem da sociedade, permanecendo em um lugar de exclusão e invisibilidade. Esperamos que, através das discussões e análises feitas, sejam ampliadas as reflexões acerca de temas como marginalização e exclusão social, bem como a necessidade de políticas voltadas à solução de tais problemas.

Palavras-chave: A personagem de ficção; *A Hora da Estrela*; Macabéa.

ABSTRACT

The Hour of the Star portrays the journey of Macabéa, an orphan from the hinterlands who migrated to Rio de Janeiro in search of a better life. The character serves as a representation of marginalized and excluded social groups due to their socioeconomic status. This study aims to analyze the developments of Macabéa's character throughout the narrative of *The Hour of the Star*, the social relationships she establishes, and the context in which she is situated. The specific objectives include reflecting on the interaction between literature and society in *The Hour of the Star*; investigating the conflicts and missteps of the fictional character within the research corpus; and examining how the interpersonal relationships between Macabéa and the characters Olímpico and Rodrigo S. M. reveal social issues. By focusing on the social aspect that the protagonist unveils, a path is opened for understanding and analyzing the portrayal of social inequality present in the work. Therefore, this research is justified by considering that through this fictional narrative, we can explore and discuss issues such as poverty and social exclusion, recurring themes in Brazilian Literature. To support the arguments presented, we draw on the studies of Candido (1980), who offers reflections on the relationship between literature and society, as well as his study on the fictional character Candido (2009); regarding Clarice Lispector's writing, the research of Nunes (1989), Bosi (2006), and Candido (1977 and 1989) were considered. Weintraub (2017), who discusses *The Hour of the Star*, and Gotlib (2017), who has conducted extensive research on the corpus of this monograph, were also consulted. In the conclusion of this work, it was understood that through her writing, Clarice Lispector establishes parallels between fiction and reality by representing migrants and people from the hinterlands through her protagonist, bringing to light the important discussion about the role of the fictional character, as explored by Candido (2009). Thus, Macabéa represents the thousands of people who live on the margins of society, remaining in a place of exclusion and invisibility. It is hoped that through the discussions and analyses presented, reflections on themes such as marginalization and social exclusion, as well as the need for policies aimed at solving such problems, will be expanded.

Key-words: Macabéa; The fictional character; *The Hour of the Star*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	ARTICULAÇÕES ENTRE LITERATURA E SOCIEDADE.....	13
2.1	Do existencial ao social: a escrita literária de Clarice Lispector.....	16
3	PERSONAGEM DE FICÇÃO E OS (DES)CAMINHOS DA LINGUAGEM EM <i>A HORA DA ESTRELA</i>.....	19
3.1	Personagem de ficção.....	19
3.2	A linguagem de Macabéa e a (não) constituição do sujeito.....	22
4	MACABÉA: A DECADÊNCIA E OS CONFLITOS DE UMA PERSONAGEM DE FICÇÃO.....	25
4.1	As relações interpessoais de Macabéa com Olímpico e Rodrigo S. M.....	27
4.2	Macabéa: morte e ascensão da personagem de ficção.....	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
	REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

A Hora da Estrela é uma novela escrita por Clarice Lispector e lançada em 1977, ano de sua morte. Contextualizando a grande migração dos nordestinos para os grandes centros do Brasil, a obra traz à tona temas como preconceito, desigualdade social e alienação. Assim, atua como uma crítica implícita às condições de vida das camadas mais pobres da população, bem como à falta de empatia e atenção às necessidades dessas camadas por parte das elites governantes.

Em seu último livro, Clarice Lispector apresenta a história de Macabéa, uma nordestina órfã que viaja com a tia de Alagoas para o Rio de Janeiro. Macabéa é uma personagem simples, ingênua e pobre que é marginalizada pela sociedade carioca. No decorrer da narrativa, o leitor é convidado a conhecer a realidade de uma protagonista desprovida de força, que não luta contra a realidade imposta, não pensa em seu futuro e nem ao menos se conhece.

A trajetória da personagem reflete as dificuldades enfrentadas por muitos migrantes nordestinos na tão vislumbrada cidade grande. Sua vida é marcada por um trabalho mal remunerado e condições de moradia precárias, refletindo a realidade de tantos que deixaram suas terras em busca de oportunidades.

Além disso, a escolha narrativa de Clarice Lispector em dar protagonismo para uma personagem tão marginalizada, lança luz não somente à injustiça social, mas também à invisibilidade dessas vidas no contexto cultural e político do nosso país. Macabéa enfrenta não só a pobreza material, ela também sofre com a falta de reconhecimento de sua própria identidade e valor pessoal, ou seja, a nordestina não questiona seu lugar no mundo e não consegue perceber que vive num ambiente totalmente hostil, indiferente à sua existência.

Em vista disso, podemos perceber que Clarice Lispector constrói sua trama utilizando alguns aspectos, como: o existencialista, ao explorar a condição humana, em meio a temas como simplicidade, subjetividade e alienação; dentre esses, vale-se do elemento social ao abordar a condição precária da protagonista. Desta maneira, a presente monografia lança olhar sobre os desdobramentos de Macabéa dando enfoque a esse aspecto social trabalhado pela autora e como ele, por muitas vezes, influencia na subjetividade da personagem.

Assim, durante os estudos da obra surgiu a seguinte questão: De que maneira as relações estabelecidas pela personagem Macabéa revelam conflitos sociais em *A Hora da Estrela*?

A hipótese levantada é feita a partir de uma reflexão sobre os desdobramentos da personagem, os quais estão relacionados à precariedade em que ela vivia, sua criação, a falta de uma educação formal e exclusão social, que se observa ao longo dos acontecimentos. Esses aspectos moldaram sua personalidade e o modo como enxergava a vida, tornando-a uma personagem altamente alienada e conformada com sua situação socioeconômica.

Ao debruçar-se sobre o aspecto social que está ligado à Macabéa, abre-se um caminho para compreensão e análise do retrato da marginalização e da desigualdade social presentes em *A Hora da Estrela*. Através desta investigação, é possível a análise e discussão de questões importantes como pobreza, falta de oportunidades e exclusão social, temas recorrentes na Literatura Brasileira.

À luz disso, o estudo justifica-se dada a importância de fomentarmos a pesquisa sobre as questões sociais que permeiam a narrativa de Macabéa, em *A Hora da Estrela*. Questões essas que possibilitam uma reflexão sobre como a desigualdade social afeta a vida e a coletividade, levando em consideração que determinados grupos sociais têm seus corpos marginalizados e invisibilizados. Ao investigarmos o contexto social da personagem, podemos ampliar nossa compreensão sobre as lutas e desafios enfrentados por grupos excluídos, bem como sobre a importância de políticas públicas para promover uma sociedade mais justa e igualitária.

De forma geral, a presente monografia objetiva analisar os desdobramentos da personagem Macabéa no percurso narrativo de *A Hora da Estrela*, as relações sociais que são estabelecidas bem como a conjuntura em que está inserida. Como objetivos específicos, busca-se refletir sobre a interação entre literatura e sociedade em *A Hora da Estrela*; investigar os conflitos e (des)caminhos da personagem de ficção no *corpus* da pesquisa; averiguar como as relações interpessoais entre Macabéa e os personagens Olímpico e Rodrigo S. M. revelam questões sociais.

Para dar embasamento aos argumentos defendidos neste trabalho, optar-se-á por realizar uma pesquisa bibliográfica com foco qualitativo. Pois, segundo Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa busca compreender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto. Assim, considerando o exposto e o fato de o presente trabalho apresentar um cunho social e reflexivo, a pesquisa qualitativa se mostrou como a mais adequada.

Como *corpus* deste estudo, foi utilizada a obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector (2020). A fim de realizar o estudo pretendido, buscamos subsídios para a análise dos desdobramentos da personagem Macabéa e para um aprofundamento dos temas que circundam este trabalho, desse modo a pesquisa dividiu-se nas seguintes etapas: primeiro,

apresenta-se uma contextualização das articulações entre literatura e sociedade, através de consultas ao estudo de Candido (2011 e 1980), destacando o papel da literatura na formação de um identitário cultural e social; em seguida, analisamos a escrita de Clarice Lispector no decorrer de sua produção literária e como ela contribui para a construção da narrativa e dos conflitos internos e externos da personagem, a partir dos fundamentos de Nunes (1989), Bosi (2006) e Candido (1977 e 1989); posteriormente, analisamos os desdobramentos da personagem Macabéa à luz dos estudos de Candido (2009) que aborda a personagem de ficção.

Além disso, realizou-se uma investigação sobre as questões sociais reveladas através da linguagem da personagem utilizando como embasamento o estudo de Bakhtin (2006 e 2013); posteriormente refletimos a respeito das relações que a nordestina estabelece com os demais personagens da trama, em especial Rodrigo S. M. e Olímpico de Jesus, para tanto, foram consultados os estudos de Weintraub (2017) e de Almeida e Masuda (2017); em seguida realizamos uma abordagem sobre a morte da personagem como um momento de libertação e de descoberta recorrendo a Han (2020).

Ao longo destas etapas, a pesquisa buscou integrar teorias literárias e sociais para proporcionar uma análise profunda e contextualizada da personagem Macabéa, destacando a relevância dos temas abordados para a compreensão de questões sociais tão contemporâneas.

Após apresentar a introdução, o presente trabalho segue com as articulações entre literatura e sociedade, no tópico 2; a personagem de ficção em *A Hora da Estrela*, no tópico 3; a escrita literária de Clarice Lispector no item 3.1; a linguagem de Macabéa no 3.2; uma abordagem sobre a decadência e os conflitos da personagem de ficção, na seção 4; as relações interpessoais de Macabéa e Olímpico e Rodrigo S. M., no 4.1; a morte como libertação para Macabéa, no 4.2, e as considerações finais.

2 ARTICULAÇÕES ENTRE LITERATURA E SOCIEDADE

Após os eventos da Semana de Arte Moderna em 1922 que marcou o início do Modernismo no Brasil, vários autores voltaram os seus olhos para as mazelas sociais presentes em nosso país e passaram a escrever romances que abordam tais dilemas de forma complexa e analítica em detrimento dos demais movimentos literários, como o Romantismo e Naturalismo que se ocupavam com outras formas de representar aspectos sociais do nosso país. *A Hora da Estrela*, publicado em meio à terceira fase do Modernismo, se consagra como uma obra que reflete questões filosóficas e existenciais, sem deixar de lado seu cunho social.

Nesse contexto, ao falar de literatura e sociedade, nos deparamos com uma via de mão dupla onde uma influencia a outra. Ao mesmo passo que a sociedade interfere nas temáticas da produção literária da sua época, a literatura atua como um reflexo e influenciador de dinâmicas culturais, políticas e sociais de uma comunidade. Assim, ao longo de nossa produção literária, escritores têm utilizado suas obras como instrumentos para explorar e retratar os aspectos mais profundos da condição humana, muitas vezes com o intuito de gerar alguma mudança, moldando e também sendo moldados pelas sociedades a que pertencem.

Em seu ensaio, Candido (2011, p. 187) dispõe que

Tanto no caso da literatura messiânica e idealista dos românticos, quanto no caso da literatura realista, na qual a crítica assume o cunho de verdadeira investigação orientada da sociedade, estamos em face de exemplo de literatura empenhada numa tarefa ligada aos direitos humanos. No Brasil isto foi claro nalguns momentos do Naturalismo, mas ganhou força real sobretudo no decênio de 1930, quando o homem do povo com todos os seus problemas passou a primeiro plano e os escritores deram grande intensidade ao tratamento literário do pobre.

Ainda segundo o autor, isso se deve pelo fato de o romance voltado para o social ter passado de apenas uma denúncia retórica ou de mera descrição, para uma espécie de crítica corrosiva que poderia atuar explicitamente como podemos observar no movimento modernista no Brasil.

Diante disso, autores modernistas como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Raquel de Queirós e José Lins do Rego escancaram a realidade de um grupo até então esquecido ou mal descrito nas obras literárias antecessoras a esses escritores. Até a produção literária da geração de trinta possuímos uma literatura preocupada com aspectos naturais, linguajar, hábitos e costumes, como é o caso do Romantismo, ou uma produção que retratava o comportamento humano através de uma lente determinista e de pretensão científica, como vemos no Naturalismo.

Os modernistas, no entanto, exploravam o regionalismo para investigar as relações complexas entre o homem e a sua terra, os fenômenos naturais, a memória, a persistência e o poder da tradição como é o caso de romances como *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos e *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa. Os autores deste movimento adotaram uma visão mais crítica e analítica das relações sociais, mergulhando na psicologia dos seus personagens de tal forma que, como aponta Bosi (2006), a trama passa a perder os contornos e divisões bem definidas e tende a dissolver-se em um fluxo de memórias que evoca os acontecimentos.

Neste cenário, Candido (1980) afirma que houve um momento onde o valor de uma obra dependia se ela conseguia ou não exprimir determinados aspectos sociais. Posteriormente tomou-se uma posição contrária em que consideravam as operações formais presentes na obra, tais operações tornavam a obra independente de qualquer condicionamento.

Ainda segundo o autor, chegamos a um entendimento que essas duas posições não devem ser tomadas de forma dissociada, pelo contrário, só podemos entender uma obra literária

[...] fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo (Candido, 1980, p. 12-13).

Além disso, Candido (1980) afirma que o fator social que é externo à obra não deve atuar como causa ou significado, mas sim como um elemento que desempenha um papel na constituição da obra, tornando-se assim interno.

Além de servir como reflexo da sociedade, a literatura também desempenha um papel ativo na promoção da mudança, questionando normas estabelecidas, escancarando injustiças e incitando uma reflexão crítica. Assim, a literatura desafia as narrativas dominantes oferecendo espaço para vozes marginalizadas. Ao representar uma ampla gama de perspectivas, a literatura contribui para a construção de uma compreensão mais completa e inclusiva da sociedade. Escritores que exploram as identidades subalternas em suas obras desafiam estereótipos, contribuindo para uma narrativa mais rica e representativa.

Em *A Hora da Estrela*, podemos perceber a presença desse elemento de denúncia social através de Macabéa, seja pela sua posição de nordestina migrante que enfrenta a exclusão e preconceito no Rio de Janeiro, ou seja, por suas relações com os outros personagens e às questões sociais reveladas por meio delas. Além disso, essa novela é um claro reflexo da sociedade brasileira por fazer referências a espaços (como o de Maceió e Rio de Janeiro), à cultura, à visão de mundo, à alienação social e às camadas sociais. Clarice Lispector consegue capturar a essência da época em questão, trazendo para o debate aspectos culturais, problemáticas e temas políticos atemporais.

Esse aspecto reflexivo proporciona aos leitores uma possível forma de identificação e autoconhecimento, como afirma Candido (1980) ao dizer que a literatura desempenha uma função educativa ao expor os indivíduos a uma variedade de culturas e perspectivas,

moldando suas visões de mundo e contribuindo para a formação de suas identidades sociais e culturais.

Clarice Lispector, que é conhecida principalmente por suas obras explorarem os recônditos da mente humana e os dilemas íntimos, as quais poder ser denominadas por *literatura do eu*, lembrada por Schollhammer (2009, p. 26), como “a continuidade de uma prosa mais existencial e intimista”. Ao mesmo tempo, Lispector surpreende ao focar em questões sociais que afligem os invisíveis e marginalizados de nossa sociedade. Essa variação de perspectiva mostra o interesse de Clarice pelos dramas sociais, dando voz a pessoas que, como Macabéa, são frequentemente ignoradas pela coletividade. No subcapítulo a seguir iremos entender o percurso da escrita literária de Clarice Lispector e como a autora passou a voltar seu olhar para uma literatura engajada.

2.1 Do existencial ao social: a escrita literária de Clarice Lispector

Dentre os vários escritores nacionais que possuímos, Clarice Lispector sem dúvida alguma se destaca pela sua escrita caracterizada pela profundidade psicológica, linguagem poética e capacidade de explorar os aspectos mais íntimos e complexos do ser humano. Desde seu primeiro romance, a autora evidenciou-se por sua escrita singular como afirma Nunes (1989, p. 11):

Perto do coração selvagem (1944), que assinalou a estréia de Clarice Lispector, impôs-se à atenção da crítica pela novidade que a densidade psicológica, a maneira contínua de narrar e a força poética desse romance representaram no panorama da ficção brasileira, então profundamente marcado pelo documentarismo social da década de 30.

No entanto, Clarice não pode ser definida apenas por um estilo de escrita. Ao longo de sua produção, ela explorou diversos aspectos literários apresentando uma evolução e diversidade de estilos, indo de uma linguagem poética e inovadora às estruturas narrativas não convencionais para a época e explorando temas existenciais mais profundos.

Podemos notar essa diversidade de estilos no fragmento a seguir:

A cidade sitiada (1949) tem algo caricatural e satírico que o aproxima da crônica de costumes. *A maçã no escuro* (1961), é uma espécie da narrativa místico-alegórica. Mas em ambos os romances o sujeito narrador adota o ponto de vista da terceira pessoa. Já em *A paixão segundo G. H.* (1964), primeiro e até agora único romance da autora na primeira pessoa do singular, e publicado no mesmo ano de *A legião estrangeira* - repertório de contos, crônicas e reflexões -, desagrega-se a sondagem

introspectiva que absorve nos romances anteriores o dinamismo da ação romanesca (Nunes, 1989, p. 14).

Outra característica marcante da autora é a subjetividade que por muitas vezes reflete sua própria complexidade e introspecção. Em suas obras, especialmente em romances como *A Hora da Estrela* (1977) e *A Paixão Segundo G. H.* (1964), ela explora a interioridade e o existencialismo das personagens, muitas vezes mergulhando em seus pensamentos, emoções e percepções mais íntimas.

Entretanto, é quando esse elemento existencialista está em crise que Clarice Lispector desafia noções tradicionais de identidade. “Há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise” (Bosi, 2006, p. 424). É o caso da protagonista de *A Paixão Segundo G. H.* que entra em crise existencial ao matar uma barata, ou mesmo a protagonista de *A Hora da Estrela*, que vive em um estado de alienação e de busca por significado.

Quanto à abordagem existencial de Clarice em suas obras, Candido (1989, p. 13) analisa que:

Se voltamos agora os olhos para a versão existencial que “do mundo” procura dar Clarice Lispector, veremos um esforço mais árduo e, por força, menos poderosamente uno do que a metáfora do sertão que sai das páginas de Guimarães Rosa. Quando já não há uma firme rede mitológica de base, perdidas ou estancadas que foram as fontes da sabedoria tradicional, o espírito paira inquieto sobre as coisas e as pessoas não sabendo que sentido lhes atribuir, faz da vida uma constante perplexidade. A que não responde o discurso psicológico simples, julgado, rotineiro, falseado. Então, é preciso descobrir-se, não reinventar, o caminho que vai do eu narrativo aos objetos.

Ao comparar de forma neutra a escrita de Lispector com Guimarães Rosa, Antonio Candido destaca a metáfora do sertão utilizada por Guimarães com uma base mitológica poderosa e unificadora, enquanto a escritora lida com uma realidade fragmentada e inquieta.

Em meio a uma produção literária engajada e que trazia um certo documentarismo que tinha como objetivo retratar e documentar pessoas, eventos e histórias sob uma ótica analítica, Lispector se destaca por sua originalidade e autenticidade, como é revelado no fragmento do ensaio *No raiar de Clarice Lispector*¹, em que Candido (1977, p. 127) discorre:

Assim na bitola comum da arte, o melhor para o artista seria soffrear os seus ímpetos originais e procurar uma relativa eminência dentro de uma rotina mediana. No entanto, mesmo na craveira ordinária do talento, há quem procure uma via mais acentuadamente sua, preferindo o risco de aposta à comodidade do ramerrão. É o caso de Clarice Lispector, que nos deu um romance de tom mais ou menos raro em nossa literatura moderna [...]

¹ Ensaio encontrado na coletânea *Vários Escritos* (1977), de Antonio Candido.

Lispector reinventa a linguagem, revela as profundezas da alma humana através de suas narrativas inovadoras e profundamente pessoais. Através de seus textos complexos ela exige de seu leitor uma imersão mais profunda nos conteúdos, pois, como dispõe Candido (1977, p. 128):

A autora (ao que parece uma jovem estreante) colocou seriamente o problema do estilo e da expressão. Sobretudo desta sentiu que existe uma certa densidade afetiva e intelectual que não é possível exprimir-se se não procurarmos quebrar os quadros da rotina e criar imagens novas, novos torneios, associações diferentes das comuns e mais fundamente sentidas.

Ao longo de sua obra, Clarice também retratou aspectos e elementos de sua própria vida, como é o caso da pintora/escritora em *Água Viva*; da alagoana que passou a infância em Maceió, e depois viaja para o Rio de Janeiro, em *A Hora da Estrela*; ou até mesmo a menina que sonhava em ser rosa no conto “Restos de Carnaval”, que integra o livro de contos *Felicidade Clandestina* (1991). Muitas vezes, por meio de um tom autobiográfico em sua ampla obra, a escritora retrata desejos, inquietações, pensamentos e experiências mais íntimas.

Em *A Hora da Estrela* (1977), Clarice Lispector cria Rodrigo S. M., uma espécie de alter ego que atua como narrador e pseudoautor. Ao atribuir a ele a responsabilidade de contar a história de Macabéa, a autora cria uma camada de distanciamento que a protege de uma certa melancolia exagerada, como sugere o trecho: “Aliás - descobro eu agora - também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas.” (Lispector, 2020, p. 12).

Por outro lado, a escolha desse alter ego vai além da tentativa de evitar o sentimentalismo. Rodrigo S. M. pode ser compreendido como uma estratégia narrativa mais complexa, que reflete os (des)caminhos da linguagem e da própria construção da obra. Ao criar um narrador masculino oriundo da classe baixa, Lispector também busca, de certa forma, se aproximar de seu público leitor, adotando uma perspectiva que transcende o universo íntimo da autora. Sendo de uma classe elitizada, a escritora pode ter encontrado nesse artifício uma maneira de expandir o alcance de sua obra, tornando-a mais acessível a um público diverso.

Assim, Clarice Lispector continua lançando mão de sua escrita marcada pela subjetividade, lirismo e intimismo. Podemos perceber a influência de seus diversos estilos na narrativa da protagonista, Macabéa. Clarice constrói uma personagem altamente subjetiva e

que evoca questões existenciais sobre a posição do eu em um mundo adverso, adotando também uma escrita engajada, talvez pressionada pela crítica que exigia da autora uma literatura mais social como afirma Paulo Gurgel Valente (2020, p. 81) no posfácio da edição comemorativa de *A Hora da Estrela*: “Questionada certa vez sobre o fato de não ser uma escritora ‘engajada’ ou ativista, teria respondido que muitos outros já o faziam e melhor, e se voltava para a introspecção reveladora”. Assim, a escritora traz à tona a perspectiva de uma classe social desfavorecida, característica pertencente às várias produções modernistas.

3 PERSONAGEM DE FICÇÃO E OS (DES)CAMINHOS DA LINGUAGEM EM *A HORA DA ESTRELA*

3.1 Personagem de ficção

Se a Literatura serve como espelho de nossa sociedade, a personagem de ficção é o principal instrumento utilizado nessa ação reflexiva. Antonio Candido, renomado crítico literário brasileiro, enfatiza a importância da personagem de ficção como reflexo dos aspectos sociais e culturais da sociedade. Ele acreditava que as personagens não são meramente criações individuais dos autores, mas sim produtos do contexto histórico, político e cultural em que são concebidas. Candido (2009) defendia que a literatura pode revelar e questionar as realidades sociais ao retratar personagens que encarnam dilemas e conflitos sociais, contribuindo assim para uma compreensão mais profunda da condição humana e da sociedade em que vivemos.

Na vastidão da nossa literatura de ficção, muitos autores e autoras criaram personagens que representam pessoas e grupos sociais, tentando cativar os leitores e chamar a atenção para questões importantes. Através de suas histórias, é possível fazer denúncias sociais, abrir espaço para reflexão e ampliar nosso entendimento sobre as realidades diversas que compõem a sociedade. Deste modo, Candido (2009, p. 51) dispõe que é “[...] a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos.”

A personagem de ficção desempenha um papel crucial na adesão do leitor com a narrativa. É através dela que as pessoas conseguem estabelecer uma ligação com a obra, ao se identificar com algum elemento da personagem, seja aparência, origem, desejos ou personalidade.

Quando nos remetemos à obra *A Hora da Estrela*, Clarice Lispector, assim como vários autores da terceira geração modernista, traçou uma representação de grupos sociais. Para tanto, ela usa a personagem Macabéa como o retrato de vários brasileiros, sejam eles nordestinos, migrantes ou mulheres, mostrando assim a força e o papel que a personagem desempenha dentro do seu romance.

Macabéa traz consigo representatividade e para entender melhor esse elemento, devemos primeiramente nos atentar ao contexto político e social em que a obra está inserida, para então, posteriormente, traçar uma análise sobre a origem e os desdobramentos da personagem que possibilitam uma possível conexão da nordestina com milhares de brasileiros, evidenciando, portanto, o papel da personagem de ficção dentro da narrativa de *A Hora da Estrela*.

A Hora da Estrela foi publicada em um período de intensa transformação socioeconômica e política do nosso país. A história se passa na década de 1970, uma época marcada pelo regime militar, que governava o país desde 1964. Durante esse período, o governo adotou políticas de modernização econômica, buscando o desenvolvimento industrial e tecnológico do país, o que levou à urbanização acelerada de algumas cidades, que por sua vez, ocasionou um aumento da população gerando falta de moradias adequadas, infraestrutura básica insuficiente e serviços precários de saúde e educação para os mais pobres, em especial aos nordestinos migrantes.

Após analisar o contexto social e político da novela em debate, podemos partir para uma análise da personagem. A protagonista nos é apresentada como uma pessoa que “nascera inteiramente raquítica, herança do sertão [...] Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas.” (Lispector, 2020, p. 24). A origem de Macabéa remonta a um contexto de pobreza e deslocamento social. A jovem enfrenta uma vida de dificuldades desde seu nascimento, vindo ao mundo com raquitismo, uma doença que afeta sua estrutura óssea, e ficando órfã aos dois anos de idade.

Após a morte de seus pais, a garota foi mandada para Maceió onde fora criada por uma tia beata que a castigava com frequência, como se observa neste trecho:

As pancadas ela esquecia, pois esperando-se um pouco a dor termina por passar. Mas o que doía mais era ser privada da sobremesa de todos os dias: goiabada com queijo, a única paixão na sua vida. Pois não era que esse castigo se tornara o predileto da tia sabida? (Lispector, 2020, p. 25).

A tia deu à Macabéa uma criação regada de castigo, privação e aprisionamento. Não permitia que a sobrinha tivesse contato com outras meninas por medo dela virar “mulher da vida”. Nesse sentido, as duas viajam então para o Rio de Janeiro, bem como assinala Gotlib (1995, p. 88):

Como se não bastasse ter nascido e vivido no lugar que é a própria metáfora da “fome e da miséria”, a personagem vem para o Rio de Janeiro e tenta, como a maioria das pessoas da cidade, sobreviver no ‘cenário agressivo’ de uma grande capital.

Depois que a tia morre, Macabéa volta a ficar sozinha no mundo. A nordestina passa então a dividir um quarto alugado com mais quatro moças na Rua do Acre. O próprio narrador admite a precariedade do espaço que a personagem se encontrava: “Rua do Acre. Mas que lugar. Os gordos ratos da rua do Acre. Lá é que não piso pois tenho horror sem nenhuma vergonha do pardo pedaço da vida imunda.” (Lispector, 2020, p. 27).

Sua ocupação como datilógrafa também contribui para sua situação desfavorecida já que a moça além de viver à beira da demissão, ganhava menos que um salário mínimo, ocasionando em uma péssima alimentação: “Às vezes antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir.” (Lispector, 2020, p. 28).

As privações que Macabéa enfrenta também são retratadas através de sua alimentação, a qual era inadequada, refletindo a falta de acesso a recursos básicos para uma vida saudável, o que agrava sua condição de vulnerabilidade. A falta de uma instrução mais formal limita as oportunidades da alagoana e, assim também as suas perspectivas de ascensão social, contribuindo para sua vulnerabilidade socioeconômica e alienação.

Podemos constatar ainda como a vida amorosa de Macabéa é marcada pela solidão e pelo desamparo. A ausência de relacionamentos afetivos sólidos acentua a sensação de isolamento social e emocional da personagem. Mesmo quando a retirante conhece Olímpico, outro nordestino, Macabéa sempre é tratada com desdém e indiferença.

Ao refletir sobre o percurso narrativo de Macabéa, desde suas origens e migração para o Rio de Janeiro até sua vida conturbada na grande metrópole, fica evidente que a moça é o retrato de um grupo social que foi desenraizado de suas origens. No tocante a esse tema, Bosi (2013, p. 176-177) discorre que:

O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a Deus... Suas múltiplas raízes se partem. Na cidade a sua fala é chamada de ‘código restrito’ pelos linguistas, seu jeito de viver, “carência

cultural”, sua religião, credence ou folclore. Seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento.

A nordestina gera no imaginário das diversas pessoas que tiveram contato com essa realidade, identificação e representação. O desenraizamento da personagem, assim como o de vários sertanejos, resulta em uma sensação de isolamento e perda de identidade cultural, haja vista que as tradições e costumes muitas vezes se perdem no processo de adaptação a um novo ambiente e a uma nova cultura.

Macabéa é uma personagem que, mesmo aparentemente simples, é capaz de representar questões universais e complexas sobre a condição humana. Sozinha numa “cidade totalmente feita contra ela”, a jovem vê-se impotente contra toda aquela exclusão que sofria. Além do mais, era desprovida de força física devido ao raquitismo e má alimentação, mas também de força mental, devido às suas origens e à criação opressora dada pela tia.

Macabéa é um símbolo da invisibilidade social, da solidão e da busca por identidade, revela como as personagens de ficção podem transcender suas características individuais, desdobrando-se no decorrer da narrativa, o que pode ser notado através de seu comportamento, da aparência física ou da forma de se comunicar. Nesse contexto, abordaremos no subtópico a seguir como a linguagem de Macabéa revela sua simplicidade e pobreza.

3.2 A linguagem de Macabéa e a (não) constituição do sujeito

A formação do indivíduo é fortemente influenciada pela linguagem, pois é através dela que o sujeito desenvolve a consciência de si mesmo e dos outros. Em seus vários escritos, Mikhail Bakhtin discute a linguagem como prática discursiva onde ela, por sua vez, dispõe de um locutor que tem o quê dizer e para quê dizer e um interlocutor. Nesta concepção, o indivíduo se faz pela linguagem, constituindo-a, como se fosse um encontro entre pessoas e a palavra, a qual serve de ponte (Bakhtin, 2006).

No caso de Macabéa, o que se percebe é que ela não consegue dispor dessa concepção. Sua linguagem é parca e limitada, a alagoana não compreende plenamente o que os outros dizem a ela, nem consegue expressar-se claramente com os outros por meio de palavras, revelando assim a vida empobrecida da personagem. Nesse sentido, Mello (2021) afirma que se a palavra é um sinal de humanidade e liberdade, sua ausência pode refletir a carência ou a restrição desses atributos, evidenciando um empobrecimento da realidade.

Não conseguindo estabelecer uma comunicação dialógica, isto é, uma relação onde existe uma troca dinâmica entre ela e os outros personagens, Macabéa acaba se isolando ainda mais na grande cidade que a cercava e a sufocava. No cerne dessa discussão, corrobora o pensamento de Bakhtin (2013, p. 224), quando afirma o seguinte:

A linguagem só vive na comunicação [...] daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas.

Essa dificuldade em se estabelecer através da linguagem, indica, portanto, uma vida de restrições e isolamento, além de reafirmar a falta de educação formal da protagonista que não conseguiu avançar em seus estudos como é dito no fragmento a seguir: “Ela que devia ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário.” (Lispector, 2020, p. 13).

Ainda na sua infância, Macabéa fora privada de brincar com as crianças da vizinhança pois “a tia a queria para varrer o chão” (Lispector, 2020, p. 29). A infância de Macabéa, marcada pela pobreza e pela falta de interação com outras pessoas, propiciou uma dificuldade em se comunicar efetivamente na vida adulta. Desde cedo, Macabéa não teve acesso a um ambiente que desenvolvesse habilidades linguísticas e sociais.

A falta de estímulo durante a infância da alagoana resultou em um vocabulário limitado, dificuldades para articular seus pensamentos de maneira clara e coerente e de entender enunciados simples como é revelado no diálogo a seguir entre a personagem e Olímpico:

Ele: – Pois é.
 Ela: – Pois é o quê?
 Ele: – Eu só disse pois é!
 Ela: – Mas “pois é” o quê?
 Ele: – Melhor mudar de conversa porque você não me entende.
 Ela: – Entender o quê?
 Ele: – Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!
 Ela: – Falar então de quê?
 Ele: – Por exemplo, de você.
 Ela: – Eu?!
 Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.
 Ela: – Desculpe mas não acho que sou muito gente.
 Ele: – Mas todo mundo é gente, Meu Deus!
 Ela: – É que não me habituei.
 Ele: – Não se habituou com quê?
 Ela: – Ah, não sei explicar.
 Ele: – E então?
 Ela: – Então o quê?

Ele: – Olhe, eu vou embora porque você é impossível!
 Ela: – É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que eu faço para conseguir ser possível?
 Ele: – Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.
 Ela: – Acho que não sei dizer.
 Ele: – Não sabe o quê?
 Ela: – Hein?
 Ele: – Olhe, até estou suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?
 Ela: – Sim, está bem, como você quiser.
 Ele: – É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim.
 – É?
 – Pois se eu estou dizendo! Você não acredita?
 – Acredito sim, acredito, acredito, não quero lhe ofender. (Lispector, 2020, p. 43-44).

Macabéa não consegue estabelecer um diálogo, falar de si mesma, se reconhecer como um ser e entender uma coisa que para muitos é simples como um “pois é”, dificultando sua comunicação com Olímpico e com os demais personagens ao seu redor.

Isolada do mundo, a alagoana se apega à Rádio Relógio, um programa transmitido via rádio e que indicava a passagem dos minutos. No intervalo entre cada minuto o programa noticia curiosidades, é através disso que a personagem estabelece uma conexão com o mundo e tem contato com novas palavras.

Por diversas vezes a alagoana recorre a Olímpico, a quem considera muito inteligente, para saber o que significa algumas dessas palavras:

– Você sabia que na Rádio Relógio disseram que um homem escreveu um livro chamado “Alice no País das Maravilhas” e que era também um matemático? Falaram também em “álgebra”. O que é que quer dizer “álgebra”?
 – Saber disso é coisa de fresco, de homem que vira mulher. Desculpe a palavra de eu ter dito fresco porque isso é palavrão para moça direita.
 – Nessa rádio eles dizem essa coisa de “cultura” e palavras difíceis, por exemplo: o que quer dizer “eletrônico”? (Lispector, 2020, p. 44-45).

Macabéa encontra na Rádio Relógio um tipo de companhia, algo que preenche o vazio de sua existência solitária. As palavras que ela ouve, embora muitas vezes desprovidas de contexto ou relevância prática, ganham um significado especial em sua vida. A rádio se torna uma espécie de professor invisível, oferecendo-lhe fragmentos de conhecimento que, para outros, poderiam parecer irrelevantes, mas que para ela eram preciosos.

Diante do exposto, podemos afirmar que Macabéa, entre outros porquês, não consegue se afirmar nos processos de interação e exercer de maneira plena o papel social que tanto almeja. Logo, a formação do sujeito se realiza principalmente através da interação verbal,

posto que há trocas de experiências as quais fornecem uma base para a formação do “eu”. A datilógrafa não é uma personagem que utiliza a linguagem para afirmar sua presença ou para interagir ativamente com as pessoas e o mundo ao seu redor. Em vez disso, suas palavras são simplistas de forma que ela não consegue utilizar o poder da palavra para se definir. Afinal, como afirma Bakhtin (2006), toda palavra serve como forma de expressão de um em relação ao outro, definindo um locutor em relação a um interlocutor e em relação à coletividade.

4 MACABÉA: A DECADÊNCIA E OS CONFLITOS DE UMA PERSONAGEM DE FICÇÃO

Neste tópico, abordaremos como as origens e o contexto social desfavorecido em que Macabéa está inserida influenciou de maneira significativa sua identidade e visão de mundo. Segundo Silva (2000), a identidade é influenciada e definida pelo contexto social do indivíduo, sendo moldada pelas relações de poder e pelos discursos dominantes em uma sociedade específica. Tornando assim, o contexto social como elemento fundamental para a formação de nossa identidade e maneira como percebemos o mundo.

Como discutido nos tópicos anteriores, a protagonista de *A Hora da Estrela* nasce no interior do sertão de Alagoas, fica órfã aos dois anos de idade e, logo, após passa a ser criada por uma tia beata que a prende e isola do mundo. Já no Rio de Janeiro, a alagoana se vê em meio a uma sociedade desigual e em uma posição marginalizada, onde sua condição de mulher e migrante agrava ainda mais sua posição de vulnerabilidade.

Tudo o que Macabéa vivenciou a empurrou para um abismo de autoesquecimento e alienação. A vida negara a ela o direito de se conhecer e de pensar de forma crítica sobre si mesma, a moça, como se vê: “Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável.” (Lispector, 2020, p. 26). Nesse contexto, observa-se que a personagem é descrita como um mero objeto, o que parece interferir em sua própria condição humana. Além disso, a narrativa aponta que a jovem não pensava em si como um ser subjetivo, como podemos constatar no seguinte fragmento: “Só uma vez se fez uma trágica pergunta: quem sou eu? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar.” (Lispector, 2020, p. 29).

Nota-se, por meio desses elementos, que a nordestina é levada a um estado de conformismo que mobiliza uma certa falta ou mesmo um interesse de autocuidado com sua saúde e aparência. Devido a condição socioeconômica precária, a jovem gasta seu salário com

cachorro-quente e refrigerante, por ser uma comida mais barata, ou seja, não consegue se alimentar corretamente.

Como é revelado no diálogo a seguir:

- O que é que você come?
- Cachorro-quente.
- Só?
- Às vezes como sanduíche de mortadela.
- Que é que você bebe? Leite?
- Só café e refrigerante (Lispector, 2020, p. 60).

O estado de saúde da personagem, que já não andava bem devido às suas tosses constantes, agrava-se após sentir uma ânsia de vômito. Ela vai ao médico e descobre que está com início de tuberculose pulmonar. Assim, sem ter consciência da gravidade da doença e achando que ir ao médico já era grande coisa, ignora o resultado do exame, revelando mais uma vez seu estado de alienação e de negação.

Macabéa também não possuía uma boa autoestima, ela tinha vergonha de se ver nua, não sabendo ao certo se essa vergonha era fruto da beatice da tia que a criou ou dos olhares que recebia na rua devido sua aparência, tal qual a narrativa indica: “E adianto um fato: trata-se de uma moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha. Vergonha por pudor ou por ser feia?” (Lispector, 2020, p. 19).

Sua criação regada de privações e castigos, a falta de acesso a uma educação mais formal e o abandono social a transformaram em uma mulher que não era vaidosa como as demais, ela não se maquiava, tinha o rosto manchado e um “cheiro morrinhento”. Macabéa não desenvolveu sua feminilidade “Pois até mesmo o fato de vir a ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação. A mulherice só lhe nasceria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol” (Lispector, 2020, p. 25).

Conforme se vê, a alagoana era alguém que se conformava com as rasteiras da vida sem se perguntar o porquê, levando em consideração que sempre era castigada sem justificativa ou explicação pela tia quando criança, aprendera a nunca questionar o porquê as coisas eram como eram: “A menina não perguntava por que era sempre castigada mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida.” (Lispector, 2020, p. 25).

Macabéa não aspirava muita coisa, não desejava. “Ela sabia o que era desejo - embora não soubesse que sabia.” (Lispector, 2020, p. 40). No entanto, um dia, em um lampejo de desejo e consciência, a datilógrafa desejou um livro que viu na mesa de seu patrão:

O título era *Humilhados e ofendidos*. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar? (Lispector, 2020, p. 36).

Mesmo em seu vislumbre de consciência, Macabéa aceitava sua posição desfavorecida e a forma que era marginalizada pelas pessoas ao seu redor. Ademais, em uma das conversas com seu até então namorado, Olímpico de Jesus, é revelado um desejo: ser uma artista de cinema.

Tal vontade veio de suas andanças ao cinema nos dias em que Seu Raimundo, o patrão, fazia um pagamento. Macabéa havia se encantado com um ideal glamouroso e sedutor para muitas mulheres, ideal esse vendido pela indústria cinematográfica, especialmente por *Hollywood*. A nordestina havia comprado de forma passiva a imagem de estrelas de cinema como ícones de beleza, sucesso e estilo de vida luxuoso. A esse respeito, Lipovetsky (2009) afirma que *Hollywood*, ao transformar suas atrizes em ícones de beleza e luxo, contribuiu para a criação de um ideal feminino inalcançável, perpetuando a ideia de que a felicidade e o sucesso estão ligados à aparência física e ao estilo de vida luxuoso.

Diante de todo o exposto, podemos inferir que a personalidade de Macabéa foi moldada por sua trajetória conturbada. A ausência de uma estrutura familiar e o ambiente de pobreza extrema no sertão nordestino privaram Macabéa de uma infância saudável e da construção de pilares tão importantes como a autoestima e o pensamento crítico, deixando marcas profundas em sua vida.

A migração para o Rio de Janeiro, longe de trazer boas oportunidades, acentuou seu sentimento de inadequação e isolamento. Na metrópole, ela enfrentou um cotidiano de invisibilidade, humilhação e de um trabalho sem perspectivas de ascensão social. A falta de educação e a baixa autoestima impediram-na de questionar sua situação social e econômica ou lutar por mudanças, perpetuando assim um ciclo de pobreza.

A falta de ambições, seu conformismo e ingenuidade são frutos de todas as experiências negativas que ela passou, desde a perda dos pais até sua exclusão social no Rio de Janeiro. Algumas dessas experiências surgem em meio às relações que a protagonista desenvolve com os outros personagens da trama, assim, considerando a importância delas para a construção da personalidade de Macabéa e como elas revelam questões, analisaremos no próximo subtópico as relações que a personagem estabelece com Olímpico de Jesus e com seu narrador-criador Rodrigo S. M.

4.1 As relações interpessoais de Macabéa com Olímpico e Rodrigo S. M.

Quando falamos de relação interpessoal, estamos nos referindo a como nós enquanto indivíduos lidamos uns com os outros. Nesse contexto, Giddens (2002) afirma que as relações interpessoais são moldadas pelas estruturas sociais e evidenciam a complexidade das interações contemporâneas, revelando aspectos profundos da identidade social e dos mecanismos de inclusão e exclusão.

Assim, ao analisar o relacionamento entre Macabéa e Olímpico, percebemos a superficialidade de um relacionamento mantido por interesse e baseado em uma relação de poder. Macabéa é uma personagem sem autenticidade que busca em Olímpico alguém que dê significado à sua existência. Em determinado momento da relação, Olímpico se torna para Macabéa a sua única conexão com o mundo, posição antes ocupada pela tia, acentuando a dependência emocional da personagem.

Olímpico, assim como a alagoana, é um migrante nordestino vivendo em meio à sociedade carioca. Os dois se reconheceram como “bichos da mesma espécie” apenas com uma troca de olhares debaixo de uma chuva que caía quando os dois se encontraram pela primeira vez. Ao longo da narrativa, a relação dos dois se mostra como um relacionamento marcado pelo desencontro de ideais, desrespeito, indiferença e exploração.

Apesar de compartilharem origens e histórias com diversas semelhanças, os dois não combinavam em nada. Olímpico tinha desejos, ambiciona uma vida melhor, sonhava alto como podemos averiguar na seguinte fala do personagem: “- Pois para mim a melhor herança é mesmo muito dinheiro. Mas um dia vou ser muito rico [...]” (Lispector, 2020, p. 41). Oposto a ele, Macabéa era vazia, não tinha perspectiva nenhuma de ascender socialmente como percebemos no diálogo entre os dois personagens a seguir:

- Cuidado com suas preocupações, dizem que dá ferida no estômago.
- Preocupações coisa nenhuma, pois eu sei no certo que vou vencer. Bem, e você tem preocupações?
- Não, não tenho nenhuma. Acho que não preciso vencer na vida (Lispector, 2020, p. 44).

Abordando a discrepância dos dois nordestinos, Almeida e Masuda (2017, p. 38) afirmam que:

Macabéa localiza-se na outra ponta desse processo, devido à sua singela ignorância. Ela é submetida por essa mesma marcha, todavia não ambiciona, não deseja, não expressa vontade. Já Olímpico é seduzido pelos jogos de representação enfeixados na sociedade de consumo [...]

Essa dualidade pode ser fruto da criação dos personagens, enquanto Macabéa havia sido criada por uma tia que a castigava sem motivação e impregnava sua mente com sua beatice, Olímpico fora criado por um padrasto que o tinha ensinado a tirar proveito de tudo e todos, fazendo com que o paraibano crescesse com uma raiva interior que o motivava a tomar o que ele acreditava ser seu para si.

O texto de Clarice Lispector (2020, p. 52) deixa a diferença entre os dois bem clara:

Macabéa, ao contrário de Olímpico, era fruto de “o quê” com “o quê”. Na verdade ela parecia ter nascido de uma ideia vaga qualquer dos pais famintos. Olímpico pelo menos roubava sempre que podia e até do vigia das obras onde era sua dormida. Ter matado e roubar faziam com que ele não fosse um simples acontecido qualquer [...]

O rapaz, que trabalhava como operário em uma metalúrgica, não passava de um aproveitador, e via em Macabéa alguém com quem pudesse tirar proveito. No entanto, a alagoana o idealizava e estava desesperada por ser amada a ponto de se submeter ao desrespeito e indiferença, que eram corriqueiros na relação dos dois e que estavam presentes desde os seus primeiros encontros. Macabéa idealizava o paraibano e achava ele “sabedor das coisas”, então sempre perguntava a ele o que algumas palavras difíceis, para ela, significavam. Ele por muitas vezes não sabia, mas como gostava de parecer educado e bem instruído, desconversava, mentia e acabava se irritando com a moça.

Olímpico tinha ainda um profundo desprezo pela datilógrafa, negando-se até a pagar um copo de café com leite:

- Olhe, Macabéa...
 - Olhe o quê?
 - Não, meu Deus, não é “olhe” de ver, é “olhe” como quando se quer que uma pessoa escute! Está me escutando?
 - Tudinho, tudinho!
 - Tudinho o quê, meu Deus, pois se eu ainda não falei! Pois olhe vou lhe pagar um cafezinho no botequim. Quer?
 - Pode ser pingado com leite?
 - Pode, é o mesmo preço, se for mais, o resto você paga (Lispector, 2020, p. 48-49).

A relação dos dois era pautada na superficialidade, interesse e exploração, pois assim que Olímpico encontrou em Glória, colega de trabalho de Macabéa, alguém que tinha mais a oferecer, tratou logo de largar a alagoana. Glória era loira, gorda, apesar de feia era bem alimentada, vinha de uma família de classe média e nascera no Rio de Janeiro, o que para o rapaz significava uma porta de entrada para o “ambicionado clã do sul do país”, uma forma de se afastar da sua origem humilde e nordestina, que ele próprio desprezava.

Ao trocar Macabéa por Glória, o operário revela seu caráter oportunista e expõe uma crítica social: o preconceito em relação ao nordeste. A preferência de Olímpico por Glória, motivada por seu status social e origem carioca, é o reflexo do desprezo pelas raízes e cultura nordestinas, algo que ele busca apagar ao se associar a alguém que, aos seus olhos, é a porta para a ascensão social. Dessa forma, a atitude do personagem denuncia o preconceito que marginaliza os migrantes nordestinos e reforça hierarquias sociais em nosso país.

Ao se despedir e terminar o namoro, Olímpico diz uma “gentileza” a Macabéa: “- Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero. Você está ofendida?” (Lispector, 2020, p. 54). Mas, Macabéa que nunca se ofendia, apenas começava a rir sem saber o motivo, seguia em frente e não se desesperava.

Analisando a relação dos dois nordestinos, percebemos que Olímpico pode ser entendido de várias formas, entre elas, podemos entendê-lo como o retrato de pessoas que não têm empatia por seus semelhantes, apesar de compartilhar as mesmas origens, costumes e histórias de vidas ele não se apieda de Macabéa. Podemos entendê-lo também como um contraponto à Macabéa, os dois representam os retirantes nordestinos, no entanto a moça se encontra numa posição de oprimida, conformada e assujeitada enquanto o rapaz é ambicioso, não se assujeita e luta por uma vida melhor.

Reitera-se o fato de a escolha dos dois personagens, a escolha dos dois personagens se deu por considerar que eles representam aspectos importantes na vida e no desenvolvimento de Macabéa. Enquanto Olímpico pode ser entendido como um contraponto à sertaneja, Rodrigo S. M. se apresenta como um elemento ambíguo, ora é o personagem que mais se aproxima da protagonista, ora se distancia marginalizando sua própria criação, sendo talvez o fluxo de consciência da própria autora.

Em se tratando do narrador, Rodrigo S. M. pode ser visto como uma espécie de narrador-personagem ou um pseudoautor, que narra e cria a história de Macabéa. Devido ao seu envolvimento com a protagonista ao longo da narrativa, pode-se considerar o narrador como uma espécie de personagem. Além disso, ele mesmo se coloca nesse papel: “A história - determino com falso livre-arbítrio - vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S. M.” (Lispector, 2020, p. 11). Rodrigo S. M., de certa forma, tem fundamental importância na trama, tal qual Macabéa.

O narrador inicia o livro com reflexões sobre o processo de escrita e citando de forma pontual a protagonista, mas sem nomeá-la, deixando a personagem por muito tempo inominada. Ele posterga e reluta em contar e criar sua história:

[...] Por isso não sei se a minha história vai ser - ser o quê? Não sei de nada, ainda não me animei a escrevê-la. Terá acontecimentos? Terá. Mas quais? Também não sei. [...] tenho um personagem buliçoso nas mãos e que me escapa a cada instante (Lispector, 2020, p. 19).

Rodrigo tenta captar a simplicidade de Macabéa, para isso ele decide não enfeitar suas palavras para narrar-criar a história da moça: “Limite-me a humildemente - mas sem fazer estardalhaço de minha humildade que já não seria humilde - limite-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela.” (Lispector, 2020, p. 13).

É interessante notar a ligação ambígua que o narrador possui com a protagonista. Não se pode negar que Rodrigo S. M. solidariza-se em diversos momentos com o sofrimento de Macabéa, no entanto, devemos pontuar que ora o narrador parece se compadecer com a nordestina, ora parece ter um olhar de preconceito com ela.

Weintraub (2017, p. 24) ao falar de Rodrigo, afirma que há uma

[...] ambivalência irreduzível desse narrador, que se identifica com a marginalidade da protagonista (“não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim”).

Ainda segundo Weintraub, o narrador se despoja e empobrece para se pôr no nível da personagem. Mas não demora para percebermos outra faceta da relação de Rodrigo S. M. com a protagonista. É possível perceber o desprezo que ele tem por Macabéa pelo modo pejorativo em que ele se refere a ela: “[...] quando se dá a mão essa gatinha quer todo o resto, o zé-povinho sonha com fome de tudo” (Lispector, 2020, p. 31). Rodrigo S. M. em outros momentos de sua narrativa, se utiliza do modo pejorativo para tratar de Macabéa, chamando-a de tola e comparando-a em alguns momentos com uma cadela vadia, trazendo para a narrativa o olhar das elites em relação ao nordestino.

Nesse contexto, quando falamos de narrativas, nos remetemos à arte de contar histórias e ao modo como elas são contadas. À primeira vista, o leitor pode pensar que o narrador de *A Hora da Estrela*, Rodrigo S. M., sente um certo afeto por Macabéa, visto que ele parece apiedar-se da moça. Pode até parecer que Rodrigo é a única pessoa que demonstra algum tipo de afeição pela alagoana. No entanto, ao narrar a história de Macabéa, ele a coloca como uma personagem sofrida, risível e digna de pena. Esse tratamento revela a verdadeira posição que a nordestina ocupa no imaginário do narrador: uma de desprezo e marginalização.

Rodrigo, ao criar e narrar a história de Macabéa, a marginaliza de várias maneiras. Seu olhar é assistencialista, e ele a descreve de forma pejorativa, reforçando estereótipos negativos

sobre ela. Esse distanciamento e desprezo ficam evidentes na forma como ele trata a personagem, refletindo uma visão desumanizadora.

Macabéa representa uma parcela da população que é tratada com indiferença e desprezo, cujas histórias são frequentemente diminuídas e ridicularizadas. Sua relação com o namorado, Olímpico, e com o narrador – Rodrigo S. M., exemplifica essa dinâmica, pois Olímpico abandona e despreza Macabéa, ressaltando a solidão e o abandono que mulheres, como ela, enfrentam devido à sua aparência, origem, personalidade ou condição social.

Por outro lado, a relação de Rodrigo com Macabéa expõe questões como assistencialismo, marginalização e desprezo. Ao retratar Macabéa de forma pejorativa, ele não apenas marginaliza a personagem, mas também evidencia uma crítica social mais profunda. Através da narrativa feita por Rodrigo S. M., Clarice Lispector nos ajuda a encarar nossos próprios preconceitos e a refletir sobre o tratamento que a sociedade dá aos mais vulneráveis.

4.2 Macabéa: morte e ascensão da personagem de ficção

Na reta final de sua história, após o término com Olímpico e com a demissão iminente, Macabéa visita uma cartomante chamada Madame Carlota, indicada pela colega de trabalho Glória. Nessa consulta, a datilógrafa vislumbra o sonho de ser uma estrela de cinema tornando-se realidade. Madame Carlota também revela que Macabéa está destinada a casar-se com um estrangeiro muito rico, loiro de “olhos azuis, verdes ou pretos” que a amaria muito. Segundo a previsão, Macabéa também iria engordar, ganhar corpo e até usar casaco de pele.

Deslumbrada com tudo isso, crê numa previsão mesmo que forjada. Assim, a alagoana sai da casa da cartomante, atravessa a rua em êxtase e é atropelada por um carro. Antes de cair, a moça consegue ver o carro que a atropelou, um Mercedes amarelo. Em meio a euforia do momento, a irônica ascensão de Macabéa parece atingir o seu fim. Após bater a cabeça na quina da calçada, Macabéa começa a sangrar. Algumas pessoas se agrupam em volta dela, mas sem prestar socorro, apenas observavam aquele corpo caído ainda vivo e sangrando. E assim como fora o resto de sua vida, ninguém fez nada por Macabéa. No entanto, talvez esse fosse o único momento em que a datilógrafa fora notada.

Caída no chão, Macabéa ainda lutava pela vida: “[...] se mexeu devagar e acomodou o corpo em posição fetal. Grotasca como sempre fora. Aquela relutância em ceder, mas aquela vontade do grande abraço. [...]” (Lispector, 2020, p. 76). Ali, à beira da morte, a migrante teve sua última tentativa de saber quem era: “[...] Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia

mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. Quem era, é que não sabia. [...]” (Lispector, 2020, p. 76). Esse foi um dos raros momentos em que ela teve consciência de si mesma.

Antes de ser um apagamento do “eu”, a morte foi para a protagonista, a descoberta e elevação do seu “eu”, tal como podemos perceber no drama de Eugène Ionesco, *Le Roi se meurt*² (2010), onde um rei à beira da morte, resiste, agarra-se a si mesmo numa tentativa de lutar contra a morte, diferindo de Macabéa que não demorou em aceitar seu desfecho.

Em *Morte e Alteridade* (2020), Byung-Chul Han, ao falar deste mesmo drama, afirma que “em vista da morte, chega-se a um engrandecimento doentio do eu.” (Han, 2020, p. 8). Enquanto em *Le Roi se meurt* o rei eleva seu eu a “representações narcisísticas delirantes”, a personagem de Clarice Lispector responde às suas perguntas “quem sou eu?”, assemelhando-se mais com a “unicidade do eu” encontrada por Ivan Ilitch em *A morte de Ivan Ilitch* (2023), de Tolstói.

Han (2020) argumenta ainda que, na modernidade, a morte é frequentemente vista como uma experiência puramente pessoal e privada, o que contribui para o sentimento de isolamento e alienação. A morte de Macabéa é uma expressão clara desse individualismo e isolamento, após viver uma vida marcada pela solidão e invisibilidade social, sua morte ocorre de forma quase silenciosa e sem impacto significativo no mundo ao seu redor. Sua experiência de morte, assim como sua vida, é caracterizada pela ausência de conexão e reconhecimento social.

Para além disso, a morte de Macabéa é um desfecho pré-anunciado na narrativa. Essa conclusão pode ser alcançada de diversas maneiras, uma delas são algumas pistas deixadas no texto, como podemos perceber no seguinte fragmento: “Que não se esperem, então, estrelas no que se segue: nada cintilar, trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos. É que a esta história falta melodia cantabile.” (Lispector, 2020, p. 14).

Também podemos atestar o destino trágico de Macabéa através do próprio título da novela, que, entre várias interpretações, simboliza o encontro da protagonista com a morte, transformando-se em uma estrela. Além disso, Clarice Lispector apresenta nas primeiras folhas de seu livro uma série de títulos alternativos que também reafirmam essa hipótese. Títulos como “A culpa é minha”, “Ela que se arranje” ou “O direito ao grito” trazem um tom melancólico e prenunciam o trágico destino da personagem. Assim também “[...] Lamento de um blue”, “Ela não sabe gritar”, “Uma sensação de perda” e “Assovio no vento escuro” (2020, p. 6). Todos esses títulos evocam sentimentos de solidão, impotência e a dor da perda, funcionando como um prenúncio do que está por vir na trajetória de Macabéa.

² Do francês, O rei está morrendo (2010).

Outro aspecto importante a considerar sobre o destino de Macabéa é a transformação que ocorre em sua percepção de felicidade após aceitar sua condição: “Então - ali deitada - teve uma úmida felicidade suprema, pois nascera para o abraço da morte.” (Lispector, 2020, p. 76). Nesse momento, Macabéa se encontra, percebendo que “A morte é um encontro consigo [...]” (Lispector, 2020, p. 78). Ela se sente livre, livre de si mesma, da cidade que a sufocava e do peso invisível que carregava.

Sua trajetória, marcada por desamparo, exclusão e a falta de empatia ao seu redor, a levou a viver de forma ingênua e ignorante, resultando em uma vida vazia e alienada. Durante sua vida Macabéa nunca conseguiu descobrir sua verdadeira identidade, apenas encenava papéis que a sociedade esperava dela. Ela se via como uma datilógrafa, virgem que gostava de Coca-Cola, e seus poucos sonhos eram moldados pelas expectativas externas à sua existência.

Somente à beira da morte ela finalmente pôde compreender quem realmente era. Esse momento traz à tona a profunda alienação que Macabéa experimentou. O reconhecimento tardio de sua identidade serve para o seguinte lembrete: como a sociedade que a cercava deixasse pouco espaço para que ela buscasse autoconhecimento, valores e autonomia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz das análises feitas até aqui, entendemos que o objetivo geral deste trabalho, cuja finalidade era analisar os desdobramentos da personagem Macabéa no percurso narrativo de *A Hora da Estrela*, as relações sociais que são estabelecidas bem como a conjuntura em que está inserida, foi alcançado. Por meio desta investigação foi possível perceber que as experiências de vida da datilógrafa, desde sua infância no sertão até sua migração para o Rio de Janeiro, moldaram uma personalidade marcada pelo conformismo, falta de ambição e alienação. Isolada e privada de uma estrutura familiar adequada, a moça nunca desenvolveu uma autoestima saudável ou pensamento crítico, o que a levou a aceitar sua condição de pobreza e invisibilidade social. Sua relação com os demais personagens, como Olímpico de Jesus, é marcada por desrespeito e exploração e é de certa forma uma extensão desse cenário de marginalização onde a protagonista busca nos outros, a validação que precisa.

Ao longo deste estudo percebemos também a realidade social que Clarice Lispector queria compartilhar com seus leitores. Apesar de não ter intenção de alterar a sociedade através de sua escrita (como a escritora afirma em entrevista para a TV Cultura em 1977), por meio da vida conturbada de Macabéa, a autora consegue fazer uma crítica profunda à estrutura social do nosso país, expor barreiras que mantêm muitas pessoas à margem e revelar

condições que perpetuam a exclusão e a marginalização de grupos sociais como nordestinos e migrantes.

Através de sua personagem, Clarice Lispector entrelaça ficção e realidade, trazendo à tona o papel que a personagem de ficção desempenha dentro da narrativa como um elemento capaz de representar um grupo social e atuar na construção da identidade de um povo. Macabéa é o retrato do sertanejo deslocado em uma metrópole, vivendo em condições precárias e preso a um trabalho mal remunerado. Dessa forma, a personagem se torna um símbolo das dificuldades enfrentadas por aqueles que, como ela, são marginalizados e esquecidos pela sociedade.

O desfecho da alagoana revela nuances da solidão, do isolamento social e do encontro consigo mesma diante da morte. Ao traçar paralelos com outras obras literárias e refletir sobre a condição existencial na iminência da morte da personagem no subtópico anterior, entendemos como sua vida e falecimento simbolizam a marginalização e a falta de reconhecimento, tornando essa discussão essencial para compreender as implicações sociais presentes na obra.

Assim, a crítica social feita através da narrativa de Macabéa desafia os leitores a confrontar estereótipos e preconceitos embutidos em nossa coletividade, provocando uma discussão necessária sobre o papel da literatura na denúncia e na conscientização de dilemas sociais. Através da nordestina, Clarice Lispector não só documenta a vida de uma personagem, mas também revela a importância de enxergar e reconhecer as diversas realidades invisibilizadas que nos cercam diariamente.

Em vista destas considerações, embora tenhamos alcançado nossos objetivos, reconhecemos que ainda há espaço para aprofundar o estudo sobre a personagem Macabéa e *A Hora da Estrela* em pesquisas futuras. Em especial, seria interessante realizar uma investigação mais detalhada das dinâmicas entre a nordestina e os aspectos socioculturais que influenciam sua trajetória ou mesmo sua relação com os demais personagens da trama como Glória e Seu Raimundo. Isso porque, em uma análise literária, sempre existem possibilidades de novos desdobramentos e interpretações que podem enriquecer ainda mais a compreensão da obra.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério de; MASUDA, Fábio Takao. A Hora da Estrela entre a ficção e a realidade: ou o trágico em Macabéa. *Intelligere*, São Paulo, v.3, n.1, p. 31-41, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.
- CANDIDO, Antonio. A Revolução de 30 e a cultura. *In*: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 6. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1980.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2011.
- CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1977.
- CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Sales. **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade: A Institucionalização da Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GOTLIB, Nádía Battella. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.
- HAN, Byung-Chul. **Morte e Alteridade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2020.
- IONESCO, Eugène. **Le Roi se meurt**. Paris: Belin Éditeur, 2010.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- MELLO, Thaís Nicolini de. O nome das coisas: um estudo sobre a atrofia da linguagem em A Hora da Estrela e Vidas Secas. *In*: SOUZA, Ricardo Timm de (org.). **Anti-idolatria**,

linguagem e potência: Ensaios de filosofia e de literatura. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2021.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem:** uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** A perspectiva dos Estudos Culturais. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

TOLSTÓI, Lev. **A morte de Ivan Ilitch.** 2. ed. São Paulo: Principis, 2023.

TV CULTURA. **Panorama com Clarice Lispector.** YouTube, 2013. 28min32s. Disponível em: <<https://youtu.be/ohHP112EVnU?si=buJqAMsddp7mFTsh>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

WEINTRAUB, Fabio. Cúmplices de Clarice. **Clarice Lispector rara e inédita.** São Paulo, n° 229, p. 24-26, nov. 2017.